

A poesia antirracista de Lande Onawale, em *Kalunga*: na mira do mercado editorial

Lande Onawale's anti-racist poetry, in Kalunga: in the publishing market aim

Arivaldo Sacramento de Souza*
Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Rodrigo Lima Maciel**
Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: Nos últimos anos, o mercado editorial brasileiro tem apresentado índices positivos na produção e no consumo de livros no Brasil. No entanto, escritores e escritoras negras, desse país, ainda se veem diante de uma cena literária bastante restrita, sobretudo quando os seus textos se comprometem com um discurso de combate ao racismo e de empoderamento negro. Tal como verificávamos nos séculos passados, no século XXI, os altos custos, os interesses e as expectativas editoriais vigentes impõem aos autores negros a alternativa de submeter os seus textos a edições de responsabilidade própria ou ao trabalho das pequenas casas editoriais. A experiência editorial de Lande Onawale, com a publicação de seu livro *Kalunga: poemas de um mar sem fim* (2011), é estudada aqui, como um ponto de partida, para compreendermos exatamente essas condições de produção em que o autor é o editor do próprio texto, bem como para se perceber as relações limites entre o racismo e o mercado editorial. A partir das articulações teórico-metodológicas da crítica sociológica de Francis Don Mckenzie, no que ele chamou de Sociologia dos Textos, buscamos aqui compreender os desafios vivenciados por esses escritores diante dos obstáculos que lhe são impostos pelo mercado editorial.

Palavras-chave: Racismo. Mercado Editorial. Lande Onawale.

Abstract: In recent years, the Brazilian editorial Market has presented positive production and consumption rate of books in Brazil. Nevertheless, in this country, black writers are in an extremely restricted literary scene, specially when their books discuss strategies against racism and black empowerment. It is possible to see that in the 21st century the high coats, their interests and the editorial expectations imposed that black writers could submit their work to editions of their own responsibility or could present their books to smaller publishing houses. The editorial experience of Lande Onawale, with the publication of his book *Kalunga: Poemas de um mar sem fim* (2011), is studied here as a starting point for understanding the production conditions when the author is the editor of his own text. Furthermore, we intend to analyse the connections between racism and publishing Market. From the theoretical-methodological articulation of the sociological criticism of Francis Don Mckenzie, based on what he called Sociology of Texts, we will try to understand the challenges faced by those writers when confronted by the obstacles imposed by the publishing Market.

Keywords: Racism. Publishing Market. Lande Onawale

INTRODUÇÃO

Diferentes pesquisas no campo do mercado livresco brasileiro, nestas duas primeiras décadas do século XXI, apontam para um relevante aumento no número de

* Doutor em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia. Professor adjunto de Filologia e Paleografia da UFBA. Email: arisacramento@gmail.com

** Mestre e doutorando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia. Email: rodrigo.let@gmail.com

exemplares editados, na venda de títulos de ficção, bem como para uma leve diminuição no preço de mercado de livros em todo o país. Essas informações podem ser verificadas em várias pesquisas de teor nacional, tais como: no Relatório de Gestão da Câmara Brasileira de Livros-CBL (2011), no Relatório de Atividades do Instituto Pró-Livro (2011-2012), na estimativa de Produção de Vendas do Setor Editorial (2011), produzida pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), em parceria com o Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL).

Tal bibliodiversidade ou, como divulga o marketing político da época, tal “democratização da leitura”, e o surgimento da “nova classe média” estão diretamente relacionados ao acelerado crescimento econômico que se registra mais acentuadamente entre os anos de 2006 e 2009, conforme a análise de Sandra Reimão (2011), a partir do *Relatório de Gestão da Câmara Brasileira de Livros-CBL* (2011).

Tabela 1 – Produção e Venda de Livros entre 2008 e 2009

PRODUÇÃO	Títulos			Exemplares		
	2008	2009	Var. %	2008	2009	Var. %
1a. Edição	19.174	22.027	14,88	130.109.195	154.471.507	18,72
Reedição	31.955	30.483	-4,61	210.165.000	231.895.629	10,34
TOTAL	51.129	52.509	2,70	340.274.195	386.367.136	13,55

FONTE: (REIMÃO, 2011, p.195)

O quadro anterior (Tabela 1) mostra-nos o número de exemplares vendidos na crescente dos anos em destaque. É importante dizer que, felizmente, nem mesmo a popularização das novas tecnologias, com os diversos suportes digitais de leitura, foram capazes de frear esse mercado que continua em crescente atualmente.

Por outro lado, o *boom* constatado – tanto na economia quanto no mercado de livros nas primeiras décadas deste século – não repercutiu de maneira acentuada na edição, na publicização e na circulação de livros escritos por autores negros.

A priori, é preciso constatar que, no Brasil, mesmo após cento e trinta anos de abolição da escravidão, o protagonismo do negro enquanto escritor, artista, cientista e intelectual é um evento raro. Na história da Academia Brasileira de Letras (ABL), por exemplo, Machado de Assis e Domício Proença Filho foram os únicos negros que tiveram a oportunidade de se assentar entre tais ilustres. Dentre as poucas mulheres que pertencem à ABL, não há uma escritora negra. Entre os autores mais lidos e mais vendidos nos últimos trinta anos no Brasil, segundo os dados da SNEL, do Instituto Pró-Livro e do Painel das Vendas de Livros do Brasil, na exceção de Machado de Assis, não se registra um(a) escritor(a) negro(a).

Em entrevista, dada ao site G1, Guellwaar Adún, escritor e editor do coletivo Ogum's Toques afirma que o adjetivo “negro” é um entrave para o escritor que deseja ser lido pelo grande público.

Cabe sempre associar o negro a algo ruim. Se você fala em vala negra, em câmbio negro, mercado negro, lista negra, quando o adjetivo está associado a algo ruim isso não incomoda a sociedade brasileira. Mas quando você associa à grande arte, que é a literatura e você associa isso ao adjetivo negro, me parece que cria alguns frissons porque o que foi afirmado historicamente é que esse sujeito não pensava, não é um sujeito de conhecimento e aí ele está dizendo que faz literatura? (GUELLWAAR ADÚN, 2019, p.2)

Nesse sentido, ao constataremos o racismo histórico estruturado contra negros na sociedade brasileira, compreendemos, em hipótese, que, assim como podemos verificar as evidências dessa perversa estrutura racista na escola, na rua, na religião e no mercado de trabalho, é possível também inferir que as expectativas culturais e os hábitos de leitura no Brasil estão velados por uma seleção racista, o qual impõe obstáculos diretos à edição, à publicidade e à recepção de textos de autores negros no cenário nacional.

O trabalho da professora Regina Dalcastagné, publicado em 2012, *Literatura Brasileira Contemporânea — Um Território Contestado*, corrobora para essa relação que estamos discutindo —mercado literário e racismo. Como nos apresenta Bianca Santana:

[Regina Dalcastagné] analisou 258 romances publicados entre 1990 e 2004 por três grandes editoras brasileiras. Entre os autores, 93,9% eram brancos e 72,7% homens. **Os números escancaram por que não é possível tratar da trajetória de escritoras e escritores negros sem apresentar o contexto racista brasileiro, que se manifesta também na produção, publicação e divulgação de obras literárias** (SANTANA, 2019, grifo nosso).

Figura 1 – Fotografia do escritor Lande Onawale



FONTE: (BATISTA, 2020)

Assim, ao estudarmos a trajetória literária do escritor, poeta, compositor, capoeirista e historiador soteropolitano Lande Onawale, deparamo-nos com alguns desses desafios encontrados pelos autores negros na Bahia e, de modo geral, no Brasil. Ao lado

de escritores como Cuti, Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo e Miriam Alves, o poeta Lande Onawale (Reinaldo Santana Sampaio, nascido em 1965) tem sido uma voz importante na enunciação desse discurso antirracista na literatura.

Para além dessa questão, em seus inúmeros textos publicados em várias antologias, jornais e livros, tais como no *Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado*, nas coleções *Cadernos Negros*, *Quilombo das Palavras*, *Terra das Palavras*, ou em seus livros *O Vento* (2003), *Kalunga: poemas de um mar sem fim* (2011a), *Sete: diásporas íntimas* (2011b) e *Pretices & Milongas* (2019), Lande tem se revelado um autor versado na poesia e na prosa, interessado por narrativas que encontram, no cotidiano do cidadão (em especial, pobre, negro e periférico de Salvador), as paixões humanas, o ódio, o abandono, a família, a religiosidade, o afeto e a luta diária. Ao mesmo tempo em que seus versos possuem dimensões diaspóricas, negro-atlânticas, também demonstram o olhar de um poeta (sub)urbano, que produz a sua arte atento ao seu território e às expressões culturais que estão a sua volta, como nos parece evidente em *Coração Suburbano*, um dos seus poemas: “o meu coração não quer ser completamente urbano, não / pulsa pop, pós-moderno baile funk de salão / mas se larga à beira-mar / lacrimando uma canção de amor/ mariscando sensações [...]” (ONAWALE, 2011a, p.55).

Embora haja tais importantes publicações, a trajetória de Lande Onawale também esteve (e ainda está) na mira da seleção e da invisibilidade de um mercado livresco e editorial, cujo expoente crescimento – no lucro e na expansão de espaços de leitura e de circulação de livros – pouco tem afetado os autores negros na contemporaneidade.

Desse modo, ao estudarmos um livro em sua dimensão social, como nos orienta F.D. McKenzie em *Bibliografia e a Sociologia dos Textos* (MCKENZIE, 2018), deparamo-nos com a necessidade de, a um só tempo, investigar a história de um livro tanto no quesito material – em suas formas gráficas: impressão, diagramação, encadernação, capa... – quanto em sua esfera discursiva. Considerando também a busca pela transdisciplinaridade (Crítica textual, Crítica Literária, Bibliografia, Sociologia, Estudos Culturais, História...) estudiosos do livro e da cultura na contemporaneidade, tais como Roger Chartier, Robert Darnton e Jerome McGann, chamam-nos a atenção para a necessidade de compreender que os modos como os livros são lidos, interpretados e comercializados estão intimamente ligados aos diferentes processos de composição e publicidade e aos diferentes agentes do texto. Nessa perspectiva, esses estudiosos do livro “[a]o invés de se deterem em detalhes da bibliografia, tentaram descobrir o modelo geral da produção e consumo do livro ao longo de grandes períodos de tempo” (DARNTON, 2010, p. 123).

Assim, este artigo busca flagrar e compreender desafios comuns vivenciados pelos escritores negros tanto no campo editorial quanto no publicitário. Para isso, tomaremos os bastidores de edição do livro de poemas *Kalunga: poemas de um mar sem fim*, de Lande Onawale, publicado em 2011, como ponto de partida para essa análise.

KALUNGA¹: VERSOS QUE TRANSPÕEM A MORTE E O MAR

o que pode a minha poesia contra isso:
três jovens assassinadas lado a lado?
o que pode a letra morta
da lei, da constituição
contra este costume brasileiro
de matar negros como moscas?
o que pode nossas vozes
ante os estampidos
que despedaçam crianças como nozes?
nossos cupidos sendo brancamente mortos
canarinhos da vila
abatidas pelos badogues de fogo
borboletas da paixão
com o imenso ar
e a intensa vida pela frente
presas na fotografia do jornal
o fim... (ONAWALE, 2011a, p.15).

Com uma indagação, Lande Onawale dá início a *Kalunga: poemas de um mar sem fim* (2011a). O questionamento inicial é a primeira enunciação (e, aqui, a mais importante) de um discurso literário que se propõe a usar a palavra como instrumento de reivindicação, de confronto, de reflexão e de memória. Em *Kalunga*, ratificam-se os interesses da literatura negra pelos temas mais intrínsecos à história e à realidade dos negros no Brasil. Por outro lado, seus textos apresentam um lirismo que se constrói a partir de um regresso ao passado para recuperar e reinventar sentidos linguísticos, reacender hábitos, resgatar imagens e tradições dos povos africanos que foram trazidos como escravos para o Brasil.

A violência destinada ao negro “livre” brasileiro se inicia em um gesto de descompromisso 1888, se institucionaliza na Lei da Vadiagem em 1942 e ganha dimensões incontáveis que podem ser, tragicamente, representadas em múltiplas violências que perduraram durante todo o século XX e que se estendem até o século XXI. A Chacina da Candelária, em 1993; o fuzilamento de cinco jovens cariocas em um carro perfurado com 111 tiros, na mesma cidade, em 2015; ou na chacina do Cabula, em Salvador, que deixou 12 homens mortos, além dos 80 tiros, dado pelo exército brasileiro, contra o carro do músico Luciano Macedo em 2019, no Rio de Janeiro, são marcos trágicos dessa perseguição. Esses corpos negros que, por equívoco, por confronto ou por premeditação – como concluiu o Ministério Público da Bahia no caso da chacina no Cabula também em 2015 – fazem parte de uma histórica prática de genocídio para com a população negra.

Nesse sentido, *Canarinhos da Vila* faz ecoar esses anseios de um discurso lírico que se põe a refletir sobre o poder e os limites de sua própria voz diante desse jeito perverso de “matar negros como moscas”, “abatidas pelos badogues de fogo” (ONAWALE, 2011a, p.15).

¹ “Palavra de origem bantu que possui diversos significados. No contexto histórico e religioso do negro brasileiro, os mais comuns são cemitério, morte, mar, Deus, infinito” (ONAWALE, 2011a, p.2).

Os clamores pelo apagamento da “mancha negra”, pelo “embraquecimento da raça” e pela “democracia racial” – como denunciou Abdias Nascimento em *O genocídio do negro brasileiro* (2016) estão registrados nos mais diversos documentos da história do Brasil. As vozes dos mais diversos médicos, advogados, escritores, políticos, militares, em geral, os “homens de ciência”, para citar Lília Moritz Schwarcz (1993), evidenciaram o desejo da elite branca em atribuir aos negros as mazelas sociais nas quais eles foram lançados. Das palavras de Monteiro Lobato “Que problemas terríveis o pobre negro da África nos criou aqui, na sua inconsciente vingança!” (LOBATO, 1964, p.275), ao modo leviano como o (candidato a) presidente da república Jair Bolsonaro fez referência à dívida histórica brasileira quanto à escravidão “[...] que dívida? Eu nunca escravizei ninguém na minha vida [...] Olha só, se for ver a história, realmente, o português nem pisava na África, eram os próprios negros que entregavam os escravos [...] Que dívida é essa?” (BOLSONARO, 2018), notamos que o racismo no Brasil se reinventa a cada discurso covarde e falacioso.

Na contramão desses discursos, o Atlas da Violência em 2018 traz-nos informações precisas quanto ao perigo que sofre a população negra (pretos e pardos) em nossa sociedade.

Outra questão que já abordamos em outras edições do Atlas da Violência é a desigualdade das mortes violentas por raça/cor, que veio se acentuando nos últimos dez anos, quando a taxa de homicídios de indivíduos não negros diminuiu 6,8%, ao passo que a taxa de vitimização da população negra aumentou 23,1%. Assim, em 2016, enquanto se observou uma taxa de homicídio para a população negra de 40,2, o mesmo indicador para o resto da população foi de 16, o que implica dizer que 71,5% das pessoas que são assassinadas a cada ano no país são pretas ou pardas (IPEA, 2018, p.5).

As pesquisas nacionais apontam para dados cruéis. A vida da juventude negra tem sido minimizada e violentada de tal modo que seu retrato tem se fixado nos relatos jornalísticos e nas páginas policiais, como vítimas e alvos da violência urbana, como “borboletas da paixão / com o imenso ar / e a intensa vida pela frente / presas na fotografia do jornal” (ONAWALE, 2011a, p.15).

A dissertação realizada por Tarsila Flores *Cenas de um Genocídio: Homicídios de jovens negros no Brasil e a ação de representantes do estado* (2017) acentua esse trágico panorama, possibilitando-nos verificar e refletir sobre a (não) intervenção do estado diante dessa barbárie. A partir de uma análise etnográfica, a pesquisadora apresenta-nos “a dinâmica entre o racismo, a vulnerabilidade social, a criminalização da pobreza e o projeto genocida frente ao Povo Negro como uma estrutura do Estado, enquanto um exemplo de *Novas Formas de Guerra* e da *Pedagogia da Crueldade*.” (FLORES, 2017, p.7).

Retomando o discurso poético antirracista de Lande Onawale, deparamo-nos com a continuação de *Canarinhas da Vila*:

[...]
mas eu não quero terminar aqui!
a juventude da minha palavra
descoberta
quer-se franca e copiosa como lágrimas

e certa
espada concreta do guerreiro-mor
varrendo a tragédia
para longe do lugar comum
quando abro esta manhã de sol e sábado
e a polícia me lava o rosto
com sangue negro juvenil
penso no genocídio da negra gente
(suicídio inconsciente do brasil...)
o mar malungo me enche os olhos
e o meu coração lança ondas soluçantes
à minha alma de rocha masculina
e ela se desfaz e salga meu caminho
e os homens-meninos da rua que criei
 levemente me evitam
e eu choro criança sem parar
querendo todo mundo aqui
em torno de mim
da minha dor
eu digo não!
ergo meu poema como um não
outra vez
nesta vida de África sequestrada
quando outros poderiam ser os versos
para falar de adolescentes semelhantes
àquela minha mesma namorada
preta, pretinha, carapinha
que me acompanha desde que nasci
(ONAWALE, 2011a, p.15)

A voz lírica que se enuncia em *Kalunga: poemas de um mar sem fim*, se constrói em um movimento de lembrar e esquecer as dores históricas e diárias que rodeiam as diferentes histórias dos jovens negros: “eu choro criança sem parar querendo todo mundo aqui em torno de mim” (ONAWALE, 2011a, p.15). De outro modo, podemos dizer que a voz que se apresenta na poesia de Lande Onawale é também a voz do subalterno que reivindica o seu lugar de fala, de recontar histórias sob outro prisma. Para citar Gayatri Chakravorty Spivak, os subalternos são “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p.12).

Enquanto subalterno, tal discurso poético antirracista se contrapõe à engenharia escravagista portuguesa – que desbravou oceanos, dominou territórios, exterminou povos e comprou, vendeu, escravizou e assassinou milhões de africanos, traficando-os para o Brasil, obrigando-os a viver como escravos amaldiçoados em condições desumanas. Essas práticas de dominação fizeram de sua colônia um país racista, dividido, majoritariamente, entre uma elite econômica e intelectual branca, contra um conjunto de pessoas identificadas por heranças africanas – seja na cor, no cabelo, na religiosidade, nas matrizes

histórico-culturais ou em seus antepassados – que, há anos, estão em luta por dignidade, direitos e sobrevivência.

Nas páginas de *Kalunga: poemas de um mar sem fim*, esses enfrentamentos ficam ainda mais evidentes em “Acertos de Cotas”, “Pixaim”, na exigência do protagonismo negro, na possibilidade da revolta, da luta, que se multiplica quando “descarregamos o pente/ dos nossos dedos em tranças entrelaçados / rajadas de carinhos carapinhas” (ONAWALE, 2001a, p.25). Nesses versos kalungas – que remetem à morte e ao mar – o passado está ali, como um cemitério que testemunha e documenta a partida, como lemos em “Fissura Nuclear” e em “*Black Blue*”.

Seja na memória do mar – que é doloroso e ao mesmo tempo “malungo”, companheiro – ou no banzo que transpõe o tempo, “ecos de eternos porões”, a poesia de Lande Onawale conclama a tradição linguística e transcendental da “áfrica sequestrada”: “meso”, “quimbundo”, “moxicongo”, “indaka”, “ingoma”, “Vodunsi”, “olhos de Zambi”, “surram mariwô”, “inkisi” e “maiangas” (ONAWALE, 2011, p.33).

Esses experimentos líricos afro-linguísticos presentes na poesia de Lande Onawale são identificados, por Davi Nunes (2018), como “lirismo banto”, explica: “[...] devido à sua articulação lexical, poética com as línguas do tronco banto, principalmente o Quimbundo e o Quicongo” (AUGUSTO, 2018, p.198).

ANCESTRAL

Em mim, falam vozes ancestrais,
Que conversam mais
Se calo,
Ou a alma silencia
- ainda que em meio à algaravia.
Carrego por dentro abismos
onde ecoam leves sussurros,
cayons mergulhados por pássaros.
De gritos e voos atemporais [...]
(ONAWALE, 2011a, p.17)

Nesse exercício de rever as poeiras do próprio passado, surgem como demandas, para construção desse discurso identitário, a necessidade de reacender a autoestima, a valorização do corpo negro, da beleza negra, de sua pele e de seu cabelo, como evidenciamos em “*Black Power*”, “Espelho” e “Negrice”. Nessa mesma perspectiva, os versos de Lande Onawale buscam revisitar as narrativas historiográficas, as grandes personalidades, os momentos que registram o drama das pessoas escravizadas no Brasil, como podemos flagrar em “Abdias, Abdias”, “Quilombo”, “Z de Maio” e “Oliveira de Palmares”.

Sem dúvidas, a imagem mais acentuada, que se registra nos versos de *Kalunga: memórias de um mar sem fim*, se traduz na memória do mar: “[a] memória do mar me atravessa...está cravada em mim” (ONAWALE, 2011a, p.47). Nesses versos, encontramos a “morte”, “Deus”, o “cemitério”, o “mar” e o “infinito”, algumas das acepções da palavra “kalunga”. Poemas, como “Louvor”, “Kalunga” e “Capoeira Angola” possibilitam-nos inferir que essas acepções parecem se avizinhar do termo kalunga, tendo em vista os

contextos religiosos, históricos e de sobrevivência nos quais esses povos eram submetidos, possibilitando assim dicotomias, como “morte” e “vida”, “vontade de matar ou de morrer” em torno de um mesmo vocábulo.

BASTIDORES EDITORIAIS E PUBLICIDADE DE *KALUNGA*: POEMAS DE UM MAR SEM FIM

Ao considerarmos os interesses temáticos de *Kalunga: poemas de um mar sem fim*, como analisamos nos parágrafos anteriores, compreendemos como essa obra pode parecer um entrave à grande parte das editoras, das livrarias, dos jornais e do público leitor brasileiro no século XXI. A repressão aos discursos de consciência negra é uma vigilância que se exercita há algumas décadas no Brasil e que, na história mais recente, se impôs de modo mais perverso e articulado entre os anos de 1964 e 1985 na Ditadura Militar. Em pleno regime militar, Abdias Nascimento escreve-nos sobre o modo como a Comissão Geral de Inquérito Policial-Militar tratava a respeito de quaisquer manifestações antirracistas.

Uma estranha “democracia racial” que não permite reivindicações de direitos pelas vítimas da discriminação; o atual governo brasileiro tenta censurar, intimidar, e calar instituições de pesquisa e estudiosos estrangeiros que se preocupam com a situação do negro no Brasil. E ainda por cima, numa estranha lógica, pretende implicar o estudo e o debate público do racismo com insatisfação perante o regime!” (NASCIMENTO, 2016, p.95).

Assim, mesmo após o processo de redemocratização do Brasil, as práticas de silenciamento, invisibilidade e negação de discursos que reverberavam uma consciência identitária negra continuaram sendo exercidas e encorajadas. Apesar de a seleção racial ser operada em diferentes instâncias da nossa sociedade de forma cruel e, muitas vezes, evidente, a manifestação de um “eu-negro” e de uma “literatura negra” ainda é encarada como um discurso subversivo e divisionista.

Sobre essa problemática, Miriam Alves comenta com precisão em *Brasil Afro Autorrevelado*:

Desde o período colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido. No caso da literatura, essa produção sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria **materialização em livro**. Quando não ficou inédita ou se perdeu nas prateleiras dos arquivos, circulou, muitas vezes, de forma restrita, em **pequenas edições ou suportes alternativos**. Em outros casos, existe o **apagamento deliberado dos vínculos autorais e mesmo textuais, bem como da etnicidade africana em função do processo de miscigenação branqueadora que perpassa a trajetória dessa população** (ALVES, 2010, p.41, grifos nossos).

Esses desencorajamentos também marcaram a trajetória do escritor baiano Lande Onawale, de maneira que a maior parte de seus textos foram materializados e/ou vieram à esfera pública a partir de revistas, de jornais e antologias vinculadas a espaços

alternativos de cultura negra/afro-brasileira, quando não custeados pelo próprio autor. A história editorial de *Kalunga: poemas de um mar sem fim* é um dos exemplos dessas experiências editoriais, a qual, aqui, nos é apropriada para pensar alguns dos desafios que os escritores negros encontram no mercado editorial (baiano).

Em entrevista, Lande Onawale contou-nos que, em 2010, foi convidado pela ONG *Americas Society* para contribuir com um poema para uma revista de arte e literatura em Nova York. No ano seguinte, o convite se estendeu para uma oportunidade de publicar um novo livro autoral em um evento que ocorreria no fim de 2011, na sede da *Americas Society*, no Brooklyn-NY nos Estados Unidos. Com o intermédio do professor nigeriano Niyi Afolabi, pesquisador de literatura negra, Lande Onawale publicou, no evento previsto, *Kalunga: poemas de um mar sem fim*, um livro com 21 poemas.

Lande também nos informou que:

[...] a ONG *Americas Society* queria criar um Simpósio de Literatura para o lançamento dessa revista. Dois autores soteropolitanos – Lande Onawale e Helena Parente Cunha, e dois autores cariocas, Ana Maria Machado e João Paulo Cuecan foram convidados em Novembro em Nova York. [...] para [publicarem algum texto] na revista de número 43, sob aspectos da arte e outros aspectos de países latino-americanos ou afros, literatura de Salvador e do Rio de Janeiro (LANDE, 2018).

A composição do livro deu-se entre maio e outubro de 2011. De certo modo, foi um trabalhado produzido às pressas, para ser exibido nesse simpósio. A proposta era o lançamento de um livro vitrine, contendo textos principais que apresentassem o escritor, sua poética e seus principais interesses. Nesse sentido, o autor reuniu poemas que já haviam sido escritos e publicados em coleções, além de alguns inéditos.

Tendo em vista que o lançamento do livro ocorreria nos Estados Unidos, seu amigo José Carlos Limeira – importantíssimo escritor, poeta e ativista baiano – falecido em 2016, fez-lhe a sugestão de fazer um livro bilíngue. Aceitando a sugestão, Lande contou com o apoio da tradutora Raquel Luciana de Souza para fazer deste trabalho uma edição bilíngue: português-inglês. Orelha, folha de rosto, introdução, dedicatória, poemas, posfácio... Todo o livro foi traduzido por Raquel Luciana, com exclusiva exceção do poema “Canarinhas da Vila”, cuja tradução foi de responsabilidade de Niyi Afolabi, o principal intermediador entre Lande Onawale e a associação *Americas Society*.

Assumindo esse duplo lugar de escritor e editor do próprio texto, o autor foi também o principal responsável pelas operações editoriais básicas: concepção da obra, seleção de textos, revisão, digitação, diagramação, impressão, publicização, distribuição e venda.

A primeira publicação foi realizada no início de Novembro de 2011, em um simpósio de literatura negra, em um hotel na Broadway, no bairro de Manhattan, em Nova York. Dos livros levados, o autor conseguiu vender, aproximadamente, 30 exemplares, com o valor de US\$ 15,00. Em Salvador, a publicação ocorreu dia 28 de Novembro, no evento Novembro Negro da Fundação Pedro Calmon na Biblioteca Pública dos Barris e as vendas também não foram tão significativas. Sem qualquer planejamento publicitário, midiático, a pequena divulgação de *Kalunga* deu-se através de *blogs* e *sites* que anunciavam a programação do evento Novembro Negro ou que eram específicos para divulgação de

literatura negra. A lista dos sites (blogs, redes sociais...) que publicizaram o lançamento do livro foram:

- (i) <http://www.clubedosamba.com.br/index.asp?url=noticia&id=317>
- (ii) <http://www.quilombhoje.com.br/blog/?p=388>
- (iii) <http://sergioballouk.blogspot.com/2011/11/lande-onawale-kalunga-poemas-de-um-mar.html>
- (iv) <http://barcacas.blogspot.com/2011/11/lande-onawale-lancamento-kalunga-poemas.html>
- (v) <http://fazervaleralei.blogspot.com/2011/11/lancamento-do-livro-kalunga-de-lande.html>
- (vi) <https://oprofessorweb.wordpress.com/2011/11/28/show-gratuito-de-lazzo-matumbi-e-opanije-encerra-o-novembro-negro-na-biblioteca-publica-do-estado/>

Nenhuma das grandes empresas televisivas do estado baiano divulgou o lançamento do livro, tampouco houve qualquer crítica ou menção nos jornais impressos ou virtuais de maior visibilidade. Cabe, aqui, uma única exceção que foi a divulgação exibida na página do Governo do Estado da Bahia.

Figura 2 – Divulgação da Publicação de *Kalunga*



Cabe-nos, ainda, dizer que o surgimento da internet, na segunda metade do século XX, o crescimento da indústria cinematográfica e sua relação com a literatura, bem como a invenção das redes sociais reconfiguraram os meios: de divulgação, de difusão de cultura, de mediação cultural e de criação de clubes de leitores. Em outra perspectiva, há mais de

uma década, as redes *Orkut*, *Facebook*, *Instagram* e *Youtube* têm sido espaço primordiais para dar publicidade aos autores (iniciantes) e suas obras.

Portanto, o investimento publicitário é condição básica – na era da informação – para uma satisfatória veiculação dos livros. Nesse sentido, publicar um livro pela intermediação de uma editora com grande estrutura continua sendo a melhor opção para escritores darem visibilidade aos seus textos, ainda que isso implique em significativa perda de lucro.

A ausência de investimento em publicidade na edição de *Kalunga: poemas de um mar sem fim* ratifica o que dissemos anteriormente. Os esforços do autor, ao se responsabilizar pela distribuição do próprio livro, não foram suficientes para fazer com que o livro ganhasse notoriedade entre os grandes espaços de publicidade, tampouco para conseguir atrair a atenção da crítica jornalística ou literária do momento.

Desse modo, como temos observado, os espaços e as pautas concedidas aos escritores negros em Salvador – ainda que essa seja reconhecida como a “Meca Negra” – são bastante ínfimos e estritamente localizados em ambientes destinados apenas a escritores negros. O silenciamento – a negação da publicidade – é a principal estratégia para que esses textos e esses autores sejam invisibilizados e, consequentemente, para que as projeções daquilo que se pense como literatura, escritor e cânone não se modifiquem.

Essas práticas de visibilidade, de forma proposital ou não, ainda permanecem nos dias de hoje, vide a Mostra Literária de Salvador 2019, que ocorreu no dia 13 de abril, no Teatro SESI Rio Vermelho. Entre os escritores e influenciadores digitais que foram convidados para debates e oficinas, não havia, na programação inicial, nenhum artista negro (NOTÍCIA PRETA, 2019).

Portanto, Lande Onawale e sua poesia estão, exatamente, na mira desse campo literário e desse mercado editorial cujas operações de seleção estão intimamente ligadas a gestos culturais racistas.

O QUE SE PODE CONSIDERAR

Anaforicamente, retomamos a hipótese que impulsiona essa reflexão: os escritores e as escritoras negras, nesse país, precisam sobrepor obstáculos bem maiores – comparados aos escritores brancos – no exercício de edição, de publicidade e de circulação de seus textos. Diante dos entraves econômicos, de uma conjuntura social racista e, consequentemente, de expectativas culturais e hábitos de leitura que negam a presença do elemento “negro” na literatura, a trajetória literária de um escritor como Lande Onawale torna-se um caminho muito mais árido e desafiador.

Percorrer os bastidores editoriais de *Kalunga: poemas de um mar sem fim*, a partir de um olhar crítico-sociológico, ainda que de forma breve, como fizemos aqui, é perceber a necessidade das interações humanas em cada estágio de produção, de transmissão e de consumo de livros. Em outras palavras, *Kalunga*, mostra-nos, exatamente, como as condições de produção interferem diretamente no texto que se materializa como produto final e se dá ao público. Além disso, quando observamos o silenciamento e/ou a fraca repercussão em torno desse livro – cuja importância, no campo da literatura negra, consideramos ímpar para a formação histórica e cultural (dos negros) no Brasil –

evidenciamos o papel “das instituições, e de suas complexas estruturas, na construção das formas do discurso social, passado e presente” (MCKENZIE, 2018, p.28).

A poesia kalunga de Lande Onawale permanece viva e resistente tal qual a cultura africana no Brasil. Seja pelas vias das pequenas editoras ou pelos gestos múltiplos e artesanais dos autores-editores esses atores têm ampliado os espaços para a literatura negra. Esses versos, ao reverberarem os “ecos de porões”, trazendo “a memória do mar”, continuam transpondo, não apenas ondas atlânticas, mas também as tradicionais configurações racistas do mercado editorial brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. *Brasilafro autorrevelado: literatura brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- BATISTA, Lucas. Foto do escritor Lande Onawale. Disponível em < https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/01/09/interna_diversao_arte,819163/escritor-lande-onawale-lanca-o-livro-pretices-e-milongas-nesta-sexta.shtml > Acesso 06 Nov 2020.
- BOLSONARO, Jair Messias. *Entrevista ao programa Roda Viva* (30/07/2018). Youtube. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=IDL59dkeTi0&t=1962s> > Acesso 21 Abril 2019.
- CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. *Relatório de Gestão CBL-2011*. Relatório de Gestão. Disponível em < <http://cbl.org.br/a-cbl/relatorio-de-gestao> > Acesso 20 Abril 2019.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002. 150 p.
- DALCASTAGNÊ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro/Vinhedo: Editora da UERJ/Horizonte, 2012.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FLORES, Tarsila. *Cenas de um genocídio: homicídios de jovens negros no Brasil e a ação de representantes do Estado*. 2017. 145 f., il. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS. *Produção de Vendas do Setor Editorial* (2011) . Sindicato Nacional de Editores de Livros. Disponível em < <https://snel.org.br/producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro/> > Acesso 20 Abril 2019.
- GUELLWAAR ADÚN. *Entrevista ao G1 sobre literatura negra*. Disponível em < <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/11/literatura-associada-ao-adjetivo-negro-incomoda-diz-editor-de-coletivo.html> > Acesso 21 Abril 2019.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Relatório de Atividades do Instituto Pró-Livro 2011-2012*. Disponível em < <http://prolivro.org.br/home/atuacao/relatorio-de-atividades> > Acesso 20 Abril 2019.
- IPEA. *Atlas da Violência*, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 2018, 93p.
- MCKENZIE, D.F. *Bibliografia e Sociologia dos Textos*. Trad. Fernanda Veríssimo. Edusp: São Paulo, 2018, 184p.

- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado*. Perspectivas: São Paulo. 2016, 232p.
- NOTÍCIA preta. *Mostra Literária em Salvador exclui artistas negros*. Disponível em < <https://noticiapreta.com.br/mostra-literaria-em-salvador-exclui-artistas-negros/> > Acesso 21 Abril 2019.
- ONAWALE, Lande. *O vento*. Salvador: Edição do Autor. 2003.
- ONAWALE, Lande. *Sete diásporas íntimas*. Minas Gerais: Mazza Edições, 2011.
- ONAWALE, Lande. *Kalunga: poemas de um mar sem fim*. Salvador: Edição do Autor. 2011, 70p.
- ONAWALE, Lande. *Entrevista sobre o livro Kalunga*. 2018, 1h 20min e 47seg, mp4a. Entrevista concedida a Rodrigo Lima Maciel.
- ONAWALE, Lande. *Pretices & Milongas*. Salvador: Editora Organismo, 2019.
- ONAWALE, Lande. Fotografia do escritor Lande Onawale. Disponível em < <https://dpadilhafilho.wordpress.com/2015/06/15/a-bailarina-de-lande-onawale/> > Acesso 21 Abril 2019.
- REIMÃO, Sandra. Tendências do mercado de livros no Brasil um panorama e os best-sellers de ficção nacional (2000-2009). *Matrizes*. São Paulo: ano 5, nº1, p.194-210, jul/dez 2011.
- SANTANA, Bianca. *Autoras e autores negros na literatura brasileira*. Disponível em < <https://demos.soyuz.com.br/sz-sesisenai-revistaponto/literatura/autoras-e-autores-negros-na-literatura-brasileira-2/> > Acesso 21 Abril 2019.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Espectáculos das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SECULT - SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DA BAHIA. *Convite: Lançamentos Kalunga e Conto do dia 4 de dezembro*. Disponível em < www2.cultura.ba.gov.br/2011/11/25/convite-lancamentos-kalunga-e-conto-do-dia-4-de-dezembro/ > Acesso 21 Abril 2019.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010, 133p.

Recebido em: 07/10/2020

Aprovado em: 01/12/2020

Publicado em: 31/12/2020